

ARTE AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DECOLONIAL NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

AFRO-BRAZILIAN ART IN ELEMENTARY EDUCATION: A DECOLONIAL APPROACH TO PRE-SERVICE TEACHER EDUCATION

Ana Júlia Duarte¹
Eliene de Souza Paulino²

RESUMO: A proposta das oficinas de Arte Afro-Brasileira para estudantes dos anos finais do ensino fundamental origina-se com a intenção de oferecer aos estudantes oportunidades de acesso e estudo da arte de influência africana. Com o objetivo principal de compreender e valorizar a contribuição da cultura afrodescendente para a formação da identidade e da história do Brasil, as atividades com os estudantes procuraram combater o racismo, promover a igualdade racial e respeito pela diversidade cultural, reconhecendo a importância das expressões artísticas afro-brasileiras na sociedade. Para além da importante temática trabalhada, a organização do Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) confere relevante formato de orientação à formação inicial para a docência, de modo que a professora em formação se sinta mais amparada e confortável para iniciar sua prática pedagógica, sendo apoiada sistematicamente pela professora orientadora. O tema geral e os subtemas dos encontros foram escolhidos em parceria, ao alinhar estudos da licenciatura, interesses de pesquisa e características da escola e do grupo discente. Como resultado, verificamos que as vivências com composições de samba, maracatu e passinho, obras de miçanga e bambu do mestre Didi e a literatura representada por Conceição Evaristo, por exemplo, favoreceram a percepção crítica, inclusão e potencial transformador dos estudantes.

Palavras-chave: Formação docente; Decolonialidade; Arte afro-brasileira.

ABSTRACT: The proposal of Afro-Brazilian Art Workshops for students in the final years of elementary school was originated to provide students with opportunities to access and study African-influenced art. With the primary goal of understanding and appreciating the contribution of afro-descendant culture to the formation of Brazil's identity and history, the activities sought to combat racism, promote racial equality and respect for cultural diversity, recognizing the importance of afro-Brazilian artistic expressions in society. In addition to the important theme addressed, the GTD (Grupo de Trabalho Diferenciado) classes have the education of pre-service teaching as one of its pillars. In this way, the novice teachers receive support and guidance to begin their pedagogical practice by being systematically assisted by the supervising teacher at school. The general theme and the sub-themes of the meetings were chosen in partnership, taking into account the pre-teachers' studies and research interests and the characteristics of the school and the group of students. As a result, we conclude that the experiences with samba, maracatu and passinho compositions, bamboo works by Mestre Didi, and literature represented by Conceição Evaristo, for example, enhance the student's critical perception, inclusion and the transformative potential of the elementary school students.

Keywords: Teacher education; Decoloniality; Afro-brazilian art.

¹ Ana Júlia Duarte, licencianda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, anajuliadrt@gmail.com

² Eliene de Souza Paulino, Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, Professora do Centro Pedagógico da UFMG, elienesouzapaulino@gmail.com

PONTOS DE PARTIDA



Figura 1. Ilustração de um Ponto de Ônibus pelo estudante Davi Barbosa.

Fonte: Acervo das Autoras.

*Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar
O morro foi feito de samba
De samba para gente sambar*

Canção de Alcione, 1975

O presente texto traz as marcas da história e do percurso de duas mulheres, uma assumindo a responsabilidade de professora formadora e a outra, de licencianda nos seus primeiros passos profissionais no ensino fundamental. A professora em exercício atua como docente de língua inglesa no Centro Pedagógico da UFMG e a professora em formação é estudante do curso de Letras da mesma instituição. Feitas as apresentações iniciais, começamos o nosso percurso assinalando que aqui estão marcas da nossa identidade pessoal e profissional, da nossa história e dos nossos trajetos, presentes nas nossas escolhas de atuação e pesquisa, uma vez que somos acompanhadas por aquilo que nos atravessa como estudiosas e como seres humanos, por meio de nossas crenças, valores e experiências (CALL-CUMMINGS E DAZZO, 2024).

O trabalho com a formação docente, área notavelmente reconhecida dentro da Linguística Aplicada Crítica, que inclui a Educação Crítica em Língua Estrangeira e é pilar do Centro Pedagógico da UFMG, compõe o cenário basilar desta escrita. À luz da Linguística Aplicada Crítica, trazemos na bagagem o compromisso de educar para a cidadania, promovendo ações democráticas e com vistas à justiça social na formação de professores (MATTOS, 2023). Com a perspectiva de um trabalho crítico decolonial, podemos viabilizar discussões dentro de uma formação desformatada, a fim de questionar paradigmas, introduzir novas abordagens e favorecer a expansão de perspectivas dos (futuros) professores, como evidenciam Leite e Oliveira (2021).

Ao recebermos estudantes de diferentes licenciaturas no Centro Pedagógico, o trabalho com a formação docente engendra no cotidiano da escola a motivação de conversarmos e refletirmos sobre a prática pedagógica e nos impele a “fazer e pensar

sobre o fazer” (FREIRE, 1996). A necessidade do engajamento reflexivo crítico e do comprometimento com abordagens pedagógicas historicamente marginalizadas também é evidenciada por Tolentino, ao recomendar “Que nós professores possamos aceitar o desafio de empreender novas pedagogias, que propiciem a descolonização dos currículos, dos saberes e também de nossas mentes.” (TOLENTINO, 2021, p. 25).

A rotina do Centro Pedagógico testemunha a chegada de jovens estagiários ou bolsistas que veem possibilidades de nos assistir, aprender com profissionais mais experientes e achar formatos do fazer docente. Nesse caminhar, percebem, como nós também já compreendemos em outro momento, que a prescrição não existe. Assim, todos passamos a compor uma escola singular, dinâmica e desafiadora. Freire (1996) sugere que no exercício da formação docente os novos educadores compreendam que as escolhas acertadas não integram “guias de professores”, por outro lado, as decisões pedagógicas devem ser produzidas pelo próprio professor em formação, na sintonia e no diálogo com seu formador.

Dessa maneira, desocupar lugares de centralidade e de poder e oferecer a oportunidade para que professores em formação e estudantes se apropriem desses assentos, permite que se esbocem direções e que sejam projetadas outras rotas.

O EMBARQUE

*Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar*

Canção de Sandra de Sá, 1982



Figura 2. Ilustração de um Ônibus pela estudante Isabela Alcântara.

Fonte: Acervo das Autoras.

Nesse início de conversa, antes de detalharmos nosso itinerário, resolvemos comentar sobre o desenho do ônibus (Figura 2) feito por uma de nossas estudantes e que ilustra que estamos a caminho. Partimos com nossos pertences, carregando nossas

bagagens, portando vivências. Neste coletivo, passamos por curvas, voltas e reviravoltas, caminhos sinuosos ou lineares, mas com sentimentos e atitudes singulares. As conversas, leituras e pessoas pelo caminho ressignificam nossa passagem a ponto de compreendermos que as histórias podem ser usadas para empoderar e humanizar (ADICHIE, 2019), e assim também a arte, com sua influência e encantos.

Iniciamos nosso trajeto com o encontro entre professora formadora e professora em formação para tratarmos das ações com os estudantes em sala de aula, com ênfase no trabalho com nossos estudantes público-alvo da educação especial, suas especificidades e estratégias para auxiliá-los nos processos individuais e de integração social. Professores em formação acompanham e dão suporte às demandas educacionais da educação inclusiva sob orientação da equipe. Em seguida, começamos a estruturar o nosso GTD (Grupo de Trabalho Diferenciado), que compõe a parte diversificada do currículo de nossa escola e nos oferece um espaço em que podemos aproveitar as habilidades, experiências e estudos recentes dos licenciandos, alinhados à pesquisa e estudos do professor orientador e às características e contextos das crianças e adolescentes.

Sob essa ótica, a professora em formação sugere trabalharmos com oficinas de arte afro-brasileira, inspirada pela sua história e por estudos realizados na Faculdade de Letras da UFMG que abordaram a temática. A harmonia com estudos e pesquisas da professora formadora e com o currículo pensado para nossos estudantes fizeram então com que a presente proposta fosse viabilizada.

Paulino (2024), destaca a necessidade da adoção de práticas inclusivas cotidianas na escola e da inserção de ações para a justiça social. Desse modo, cita ações do projeto “*Colorful Connections- Black Representation in Advertisement*”, no qual foram analisadas e produzidas propagandas com protagonismo e empoderamento negro com os estudantes do ensino fundamental (PAULINO, 2024), a fim de fortalecer e inspirar atuações de destaque. Ao entrar em contato com leituras como “Ensinando a Transgredir” e “Olhares Negros”, de Bell Hooks (2013 e 2019), reafirmamos a necessidade de uma educação libertadora, que reconheça e valorize as vivências negras dentro e fora da sala de aula.

Assim sendo, a iniciativa buscou proporcionar aos estudantes acesso e estudo da arte de influência africana em um contexto em que a valorização das culturas de matrizes africanas é essencial para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais do Brasil. Com essa definição, temas e subtemas das aulas foram definidos considerando o contexto, a identidade e escolhas dos próprios estudantes.

O processo educativo pode ser um ato de resistência e transformação, despertando nos estudantes a consciência crítica e o orgulho de suas identidades (HOOKS, 2013). Obtendo inspiração por essa perspectiva, é evidente que a arte afro-brasileira não poderia continuar à margem do ensino formal, pelo contrário, deve ocupar espaços de destaque na formação de crianças e jovens.

Caracterizada como uma manifestação cultural resultante da fusão entre as tradições africanas e a realidade brasileira, a arte afro-brasileira pode ser observada na música, na dança, em esculturas, pinturas e na literatura. A ausência dessa temática nos ambientes escolares torna visível a importância de sua inserção no currículo, para que crianças e jovens negros da comunidade escolar possam se ver refletidos e fortalecidos.

Além disso, é fundamental que os demais estudantes também conheçam e valorizem a cultura do país em que vivem, tornando-se aliados na luta antirracista e na construção de uma sociedade igualitária.

Reconhecemos que nosso GTD contempla um ato de resistência e valorização da diversidade. Por meio dele oferecemos aos alunos a oportunidade de conhecer suas raízes, de compreender que sua história e cultura são fundamentais na construção da identidade brasileira, como destaca Munduruku (2000). À medida que a escola se estabelece como um espaço de reconhecimento e representatividade, ela se transforma em um ambiente de emancipação, no qual cada estudante pode se destacar, se afirmar e se orgulhar de sua identidade e trajetória.

Seguindo adiante, passamos a pesquisar e estudar as manifestações culturais brasileiras e, assim, construímos caminhos concretos para levar essa ancestralidade à sala de aula.

Uma educação verdadeiramente inclusiva não deve apenas considerar a diversidade, mas celebrá-la, permitindo que todos os estudantes se sintam pertencentes e fortalecidos pela riqueza de suas próprias histórias.

TODOS A BORDO

“A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender.”

(HOOKS, 2013, p. 25)

Mas o que é arte afro-brasileira? A pergunta norteadora do primeiro GTD³ fez com que as professoras e estudantes pensassem sobre a caracterização da arte afro-brasileira e onde ela poderia ser observada.

A fim de descrever a dinâmica dos encontros, especialmente do primeiro deles, detalhamos nesta seção como tudo começou. Iniciamos a primeira aula com uma dinâmica de apresentação, na qual nossos estudantes receberam cartões com perguntas sobre suas preferências pessoais, como comida, lazer e música. Em duplas, entrevistaram-se mutuamente e, em seguida, compartilharam as respostas com o restante da turma.

Após essa interação inicial, foi realizada uma atividade escrita na qual os alunos registraram o primeiro pensamento que tiveram ao ouvir o tema arte afro-brasileira.

A maioria dos alunos respondeu que arte afro-brasileira seria uma manifestação específica entre a arte africana e a brasileira, influenciada pelo próprio título do GTD. Outros apontaram que essa arte provavelmente faria parte da cultura nacional. A interpretação de que se trata de uma arte africana e brasileira evidencia a associação imediata com a origem do termo, enquanto a visão de que ela pertence à nossa cultura destaca a compreensão de que a herança africana é parte fundamental da identidade

³ Para a viabilização dos GTDs, todas as seis turmas do ciclo, duas de cada ano escolar, são divididas em vários grupos de trabalho com temáticas diferentes, os quais são ofertados por professores e (futuros) professores nos diferentes espaços da nossa escola, de modo que estudantes escolhem em quais grupos desejam estar e suas escolhas podem ser atendidas dentro das possibilidades do formato, que insere, em cada grupo, cerca de 13 estudantes dos 3 anos escolares.

brasileira.

As respostas dos estudantes revelaram diferentes percepções, demonstrando tanto um reconhecimento da influência africana na cultura nacional quanto a necessidade de aprofundamento no tema. O grupo testemunhou que não haviam ouvido falar em arte afro-brasileira antes da divulgação das oficinas na escola.

Essas percepções enriqueceram a oficina, pois permitiram um ponto de partida para reflexões mais aprofundadas sobre como a arte afro-brasileira se manifesta e qual seu impacto na construção de nossa sociedade. O envolvimento das crianças e adolescentes, desde a dinâmica inicial até a discussão oral, contribuiu significativamente para a construção coletiva do conhecimento, tornando o aprendizado mais dinâmico e participativo. A partir da conversa inicial em que os participantes foram ouvidos, as docentes definiram os temas para os encontros seguintes, realizando pesquisas e organização do material a ser utilizado.

As aulas semanais tiveram duração de uma hora e vinte minutos e aconteceram em uma escola pública federal de educação básica localizada em uma área urbana, ao longo do primeiro semestre de 2024. Participaram dos encontros estudantes de 7º, 8º e 9º anos, divididos em dois pequenos grupos, de cerca de 12 participantes cada um.

Para exemplificar nossos destaques de pesquisa e apresentação durante os encontros, evidenciamos o maculelê, cuja expressão artística mescla dança, percussão e resistência histórica, sendo assim um exemplo vivo de como uma cultura afro-brasileira sobreviveu e se reinventou no Brasil.



Figura 3. Maculelê

Fonte: BerimBrasil <https://visiteobrasil.com.br/nordeste/bahia/folclore/conheca/maculele>

O maculelê é uma manifestação cultural que mescla dança, percussão e resistência histórica, representando um exemplo da preservação e reinvenção da cultura afro-brasileira no país. De acordo com o site Capoeira do Brasil⁴, essa expressão artística envolve cantos em dialetos africanos ou linguagem popular, mantendo sua conexão com as tradições culturais afro-brasileiras. Conforme estabelecido por esta fonte, pesquisas sobre culturas afro-brasileiras corroboram que o maculelê tem raízes ligadas às fazendas

⁴ <https://capoeiradobrasil.com.br/maculele/>

de produção de cana-de-açúcar no período colonial, onde era praticada como forma de resistência e celebração coletiva.

NOSSAS PARADAS



Figura 4. Desenho de um estudante durante as aulas do GTD Arte Afro-Brasileira.

Fonte: Acervo das Autoras.

*Eu vou ficar
No meio do povo espiando
Minha escola perdendo ou ganhando
Mais um carnaval*

Canção de Alcione, 1975

Durante o ano letivo de 2024, realizamos cerca de 11 encontros com nossos estudantes. As aulas de GTD são programadas para o bimestre ou para o semestre, mas no ano em questão houve uma pausa nas atividades em virtude da greve dos docentes e técnicos da instituição. Nossas aulas foram realizadas duas vezes por semana, cada uma delas com um grupo diferente de participantes. Abaixo listamos a temática de cada encontro:

- Aula 1: Descobrindo a Arte Afro-Brasileira (Introdução)
- Aula 2: Ritmos: A Música que Nos Expressa (Música)
- Aula 3: Explorando a Arte Afro-Brasileira: Pesquisa e Reflexão (Pesquisa)
- Aula 4: Memórias e Legados: O Brasil Após a Abolição (Vídeos informativos)
- Aula 5: Esculturas: Recriando a Arte Afro-Brasileira (Escultura)
- Aula 6: Cores da Memória: Pintando a Arte Afro-Brasileira (Pintura)
- Aula 7: Corpo e Ritmo: A Dança que Transforma (Dança)
- Aula 8: A Pele em que Vivemos: Explorando Diversidade e Autoexpressão

(Leitura do Livro *The Skin We Live In*, obra de Michael Tyler, 2004)

- Aula 9: Vozes e Versos: Literatura Preta em Foco (Literatura)
- Aula 10: Pesquisas e Saberes: Desvendando a Cultura Afro-Brasileira (Pesquisas dos Estudantes)
- Aula 11: Legados e Conquistas: Confraternizando o Aprendizado (Confraternização do Grupo)

Como dito anteriormente, temas e subtemas das aulas foram definidos considerando as características da escola e dos estudantes do ensino fundamental. Manifestações artísticas como o congado, o samba, jongo, carimbó e o maculelê exemplificaram a diversidade cultural do Brasil, tendo em vista a rica herança histórica, que contribuiu para a formação da identidade nacional.

Após conhecerem e explorarem as diferentes modalidades artísticas, os estudantes tiveram a liberdade de escolher a ordem dos conteúdos a serem envolvidos. Sendo assim, puderam acessar, dentre outras obras, composições de samba, maracatu, coco, maculelê, hip hop, rap, funk e passinho, dentre outras, envolvendo-se em pesquisas e escolhendo as performances que gostariam de descobrir e assistir. Observa-se que o posicionamento dos estudantes fez com que expressões mais contemporâneas, como o passinho, fossem observadas pela ótica e contexto da arte afro-brasileira.

A participação ativa dos estudantes foi fundamental para a construção das oficinas criativas de música, dança, literatura, pintura e escultura, permitindo uma vivência mais significativa de cada expressão artística.

Na aula voltada para a temática de música, a título ilustrativo, os estudantes compartilharam suas canções favoritas, explicando a razão de suas escolhas. Em seguida, participaram da dinâmica da “*Caixa Afro*”⁵. Nesta atividade, cartões com imagens de artistas e trechos de músicas foram colocados na caixa e sorteados pelos participantes, gerando discussões sobre diferentes gêneros musicais, como samba, rap e maracatu e sua autoria, a partir da seleção realizada. Para finalizar o encontro, estudantes ilustraram as músicas escolhidas, expressando suas interpretações por meio do desenho.

⁵ A “*Caixa Afro*” foi idealizada pelas autoras deste artigo e tem seu uso exemplificado a seguir.



Figura 5. Caixa Afro.

Fonte: Acervo das Autoras.

O recurso pedagógico *Caixa Afro*, idealizado pelas autoras do artigo, foi utilizado em diferentes momentos das aulas. Fechada com apenas um círculo para inserção da mão do participante, permite que sejam retirados itens surpresa, promovendo a curiosidade e a participação ativa no aprendizado. Utilizamos a *Caixa Afro*, para abrigar fotos de artistas negros a serem sorteadas para pesquisa de suas obras, citações de poesias para rodas de conversa, dentre outras atividades, tornando-se um instrumento atrativo nas aulas.

Deoscóredes Maximiliano dos Santos, conhecido como Mestre Didi, teve suas obras de miçanga e bambu apresentadas na aula sobre esculturas. O artista utilizou miçangas e bambu para criar peças de influência afro-brasileira. Após observarem e debaterem sobre suas esculturas, nossos participantes foram desafiados a produzir suas próprias criações com massa de modelar (Figura 6). A atividade ocorreu no espaço externo da escola e, realizada em grupos, tornou-se ainda mais dinâmica e envolvente. Um dos estudantes, inspirado nas obras do escultor supracitado, fez uma escultura em casa com o seu pai e a levou para uma exposição numa feira da universidade (Figura 7).

A escolha de trazer as criações do Mestre Didi para a sala de aula se deu pela importância de seu trabalho na valorização das tradições afro-brasileiras, especialmente no contexto do candomblé e da cultura iorubá. Mestre Didi, nascido Deoscóredes Maximiliano dos Santos, foi um artista plástico e sacerdote afro-brasileiro que resgatou e reinventou símbolos ancestrais. Suas esculturas, que utilizam materiais como palha, madeira, metal e búzios, traduzem a espiritualidade e a força das matrizes africanas, evocando as entidades e narrativas da religião iorubá. Seu legado contribui para a preservação da memória afrodesscendente e para o reconhecimento da riqueza estética e simbólica de sua produção (SILVA e SIMÕES, 2013).



Figura 6. Reprodução em massinha de uma obra do Mestre Didi feita por um estudante.
Fonte: Acervo das Autoras.



Figura 7. Reprodução de uma obra do Mestre Didi feita por um estudante.
Fonte: Acervo das Autoras.

De maneira adicional, a escolha da abordagem do artista nas aulas foi inspirada em uma visita da professora em formação a uma exposição interativa de suas obras no Museu Inhotim⁶, na cidade de Brumadinho, Minas Gerais. Durante a visita, a experiência sensorial e imersiva proporcionada pelas esculturas despertou grande interesse pelo trabalho de Mestre Didi e por sua conexão com a identidade e a ancestralidade afro-brasileira. Ao trazer essa vivência para a sala de aula, buscou-se ampliar o repertório dos estudantes, incentivando a apreciação e a experimentação artística baseada nesse referencial tão significativo.

⁶ MUSEU INHOTIM. *Inhotim: Arte Contemporânea e Natureza*. <https://www.inhotim.org.br>

Em aula, exploramos a arte afro-brasileira por meio da observação de diferentes pinturas de autoria negra. Na ocasião, estudantes foram estimulados a recriar as produções apreciadas utilizando tinta e técnica de pintura com os dedos, proporcionando uma experiência sensorial e artística, como mostra a Figura 8. A atividade incentivou a criatividade e a valorização da arte de matriz africana, consolidando o aprendizado de forma lúdica e expressiva.



Figura 8. Pinturas de estudantes durante o GTD Arte Afro-Brasileira.
Fonte: Acervo das Autoras.

Ritmos de samba de roda, maracatu e passinho carioca fizeram a trilha da aula com a temática da dança. Na atividade, estudantes discutiram e identificaram danças de matriz africana populares no Brasil e assistiram a vídeos com as diferentes danças. Para dinamizar a atividade, foi realizado um sorteio para definir a ordem das apresentações e, ao final, os estudantes sugeriram outras danças para pesquisa, demonstrando curiosidade, ampliando o repertório e compreendendo a importância dessas expressões culturais.

Para tratar da Literatura Negra, tema de um dos encontros, Conceição Evaristo e Inaldete Pinheiro de Andrade, dentre outras autoras negras, tiveram experiência, vida e obra valorizadas. As obras produzidas transformaram a escrita em uma ferramenta de resistência e denúncia social. A aula foi iniciada com a recepção de estudantes na sala de aula com música ambiente, a fim de criar uma atmosfera acolhedora para a leitura. Estudantes tiveram contato com o conto *Maracatu de Real Realeza*, de Inaldete Pinheiro (ANDRADE, 2010) e com a poesia *Vozes - Mulheres*, de Conceição Evaristo (2008). Em seguida, puderam conversar sobre a literatura preta e a trajetória das autoras. Após a leitura, discutimos a relação dos textos com temas das aulas anteriores, analisando a relação dos autores e seus interesses. Como atividade final, nossos estudantes escolheram cenas ou personagens das obras para ilustrarem.

Conceição Evaristo, com sua poderosa escrita marcada pela "escrevivência", trouxe à tona memórias, vivências e a luta das mulheres negras na sociedade. Carolina Maria de Jesus, por sua vez, rompeu barreiras ao relatar em *Quarto de Despejo* (1960) a dura realidade das favelas, dando voz à população marginalizada. Inaldete Pinheiro de Andrade também teve sua trajetória prestigiada com sua produção voltada para o resgate das tradições afro-brasileiras e para a educação antirracista. Tais leituras oferecem suporte

para a preservação da memória e para o combate às desigualdades sociais.

Além das aulas interativas, o percurso dos encontros também foi enriquecido por paradas de pesquisa, exibição de vídeos e filmes que aprofundaram o conhecimento sobre a vasta cultura afro-brasileira. Esses recursos serviram como base para a produção de trabalhos mais críticos e reflexivos, incentivando a análise e a valorização das contribuições afrodescendentes na sociedade e fortalecendo o engajamento nas discussões e atividades propostas.

Para realizar pesquisas, reservamos a sala de informática da escola. Nesse espaço, estudantes foram orientados a utilizar palavras-chave e buscar fontes confiáveis. Em seguida, dividiram-se em grupos para investigar a influência africana na música, na dança, na literatura e na culinária brasileira. Durante esse processo, algumas perguntas nortearam as investigações, como: *Quais são os principais artistas negros brasileiros? Como a cultura africana influenciou o português falado no Brasil? Quais são as principais religiões de matriz africana? Como as expressões artísticas afro-brasileiras se manifestam na atualidade?* Após a pesquisa, os alunos apresentaram suas descobertas para a turma. Ao final, participaram de uma avaliação sobre a experiência, destacando o que aprenderam e como a atividade impactou a visão sobre o tema.

Inspiradas nos estudos realizados, uma dupla de estudantes criou um *Quiz Interativo*⁷ com perguntas sobre arte afro-brasileira, divulgando-o em uma feira da educação básica por meio de um QR-code.

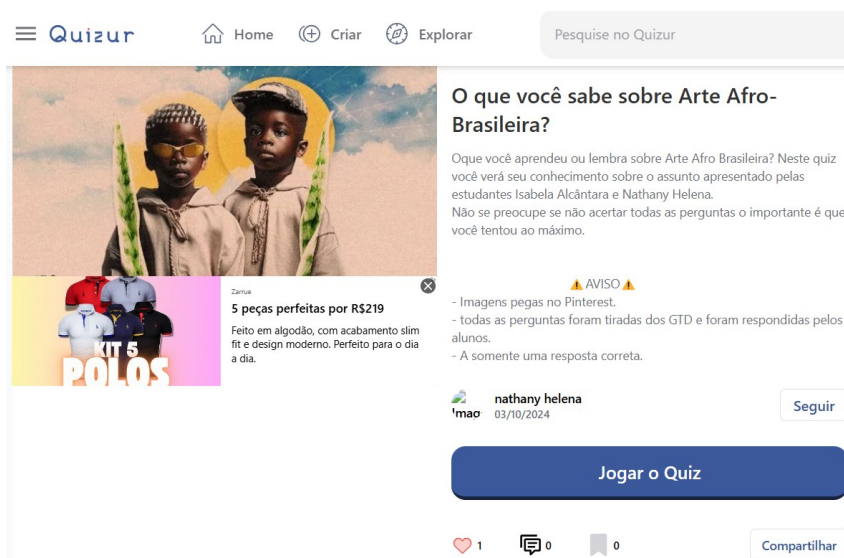


Figura 9. Imagem da página Inicial do Quiz: O que você sabe sobre Arte Afro-Brasileira?

Acesso: <https://pt.quizur.com/trivia/o-que-voce-sabe-sobre-arte-afro-brasileira-1nHk8>

Com o propósito de registrarmos nossas buscas e pesquisas após o embarque, criamos também a caixa *Memórias Afro*, na qual fizemos um jogo da memória com

⁷ Quiz: O que você sabe sobre Arte Afro-Brasileira? <https://pt.quizur.com/trivia/o-que-voce-sabe-sobre-arte-afro-brasileira-1nHk8>

Nosso desejo é que outros jogos da memória sejam criados futuramente para acesso de estudantes do ensino fundamental. Após o nosso embarque na cultura e arte afro-brasileira, almejamos que as recordações do nosso trajeto sejam singulares para alicerçar práticas de justiça social na escola e na sociedade, com condutas e posturas que empoderem e humanizem cada um de nós.

*Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final*

ISSN 1982-4440 | Dossier

Com a intenção de desconstruir visões eurocêntricas ainda presentes nos currículos e oferecer concepções mais inclusivas e representativas ao tratar das representações e estereótipos na arte e na cultura popular, foi fomentada a reflexão crítica dos estudantes, de modo a questionarem as imagens e narrativas presentes na sociedade.

Observamos que a inserção de atividades culturais e artísticas com foco na cultura afro-brasileira na parte diversificada do currículo escolar de nossa escola fortaleceu o engajamento, aprendizagem e protagonismo dos estudantes. Encanta-nos constatar que todos aprendemos e compartilhamos conhecimentos em um grupo diverso, formado por estudantes do ensino fundamental de três anos escolares distintos, uma estudante da licenciatura em Letras iniciando seus passos na docência e uma professora da educação básica de uma escola pública federal, comprometidos com o pensamento decolonial.

Isto significa que nos empenhamos com a transformação dos modos de construção do conhecimento na escola, contrapondo dinâmicas de poder e sistemas supremacistas brancos que outrora dominavam as estruturas curriculares (CUTLER e LIOU, 2024), de modo que se façam conhecidos os elementos culturais que compõem a identidade afro-brasileira, confirmando sua relevância e presença no cotidiano.

Em síntese, o trabalho com a arte afro-brasileira, além de inspirar e contagiar por sua beleza, contribui para a justiça social ao fazer emergir vozes dos que foram silenciados por discursos dominadores (DORNER, KIM, BONNEY e MONTES, 2024).

Para além da formação discente, as circunstâncias de estudo, discussões e preparação dos encontros viabilizaram reflexões não somente para a professora em formação, mas também para a professora orientadora. De maneira conclusiva, podemos afirmar que esse projeto enriqueceu o aprendizado de estudantes e professores nele incursos, promovendo ações decoloniais e fomentando sentimentos de pertencimento e respeito dentro da comunidade escolar.

Chegamos, por fim, ao nosso destino (quase) final. Encerramos um trajeto e deixamos rastros para que outros percursos se iniciem, com inclusão, respeito, amor e arte.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C.N. **O perigo de uma história única**: São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, I. P. **Maracatu de Real Realeza**. Coleção Velhas Histórias, Novas Leituras. Recife: Edição do autor, 2010.

CALL-CUMMINGS, M.; DAZZO, G. P. Critical Narrative Inquiry Reaching Toward Understanding, Moving to Resistance, and Acting in Solidarity. **Handbook of Critical Education Research: qualitative, quantitative and emerging approaches**. Routledge, 2024. p. 315-333.

CAPOEIRA DO BRASIL. **Maculelê – História, Tradição e Cultura**, [s.d.]. Disponível em: <<https://capoeirado brasil.com.br/maculele/>>. Acesso em: 4 fev. 2025.

CUTLER, K. D. LIOU, D. Beyond Representation: Decoloniality Content Analysis as a Methodology to De/Reconstruct the Sociology of Expectations in Curriculum. **Handbook of Critical Education Research: qualitative, quantitative and emerging approaches**. Routledge, 2024. p.715-734.

DORNER, L. M.; KIM, S.; BONNEY, E.N.; MONTES, I. C. Using Critical Discourse Analysis to Challenge and Change Educational Practice and Policy. **Handbook of Critical Education Research: : qualitative, quantitative and emerging approaches** Routledge, 2024. p. 356-376.

EVARISTO, C. **Vozes-mulheres**. v. 13. São Paulo: Cadernos negros, 2008. p. 32-33, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, B. **"Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, B. **Olhares negros: Raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

LEITE, P. M. C. C., OLIVEIRA, F. S. Língua, cultura e discurso em debate na formação inicial de professores em letras/inglês. **Pós-Memória e decolonialidade no ensino de línguas no Brasil: as origens do status quo**. São Paulo: Pedro e João Editores, 2021. p. 67-96.

MATTOS, A. M. A. Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: As potencialidades da Pós-memória. **Linguística em debate: Desafios e perspectivas. Pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG**. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 571-591.

MUNDURUKU, D. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

PAULINO, E. S. She likes yellow and green: Práticas Inclusivas na aula de inglês. **Cadernos da Pedagogia**, v. 18 n. 40, 2024. p. 131-141.

RODRIGUES, M. E.; PIRES, A. D. **Arte e Diálogo Decolonial na Educação**. Cadernos de Educação, n. 68, 2024.

SILVA, N. F. F.; SIMÕES, R. M. A. Mestre Didi: Um estudo sobre arte e cultura afro-brasileira. **Repositório Institucional da UNESP**. v.6, 2013. p.174-178.

TYLER, M. **The Skin We Live In**. Illustrated by David Lee Csicsko. Chicago: The Wright Group, 2004.

TOLENTINO, L. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.